

As Novas Décadas

2 - O Último Plano do Capitão

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE

Estava o Capitão no combate, que julgava ser o último, carregando armas num local e puxando gatilhos noutra sítio (acode aqui e salta para além), no frenezim experimentado em tantas ocasiões, ao longo das décadas — quando se convenceu, de novo, que a vitória estava à vista: era preciso continuar a iludir o inimigo, quanto ao poder que não tinha (ou será que tinha?). E os disparos voltaram a ecoar, num bombardeamento apaziguador dos próximos tempos.

Entretanto, o Coronel de confiança do General tentava enviar uma derradeira mensagem, através do respectivo Brigadeiro, que informasse o novo Comandante-em-Chefe do perigo da derrota naquele local estratégico. Só que a mudança de chefia suprema deixara sem saber qual era o Brigadeiro responsável. Assim, o Coronel de ligação ao Capitão encontrou-se sem interlocutor, enquanto sentia ser atrevimento excessivo falar directamente ao novo General.

O velho Capitão, porém, via o estado das coisas de maneira diferente: seria conveniente aproveitar a oportunidade para estabelecer uma comunicação sem intermediários. E desatou a falar com outros colegas da guerra, procurando apoio noutra batalhão, no sentido da sua companhia ser integrada ao lado de outras com armas complementares. Empurrou até o seu Coronel para discutir a integração com o comando daquele batalhão, a ver se havia interesse para ambas as partes juntarem armamento e fazerem tiro conjunto.

Já que o General não definia qualquer estratégia para a companhia isolada, o Capitão extravasava das suas competências tácticas e começava a intrometer-se nos meandros superiores. Afinal, andara mais de duas

décadas a sustentar o inimigo com engenhosas artimanhas e numerosos feitos, no cumprimento rigoroso dos seus deveres (independentemente de direitos que não exigira), numa guerra local inteiramente esquecida dos seus superiores, e agora percebia com clareza que tinha de avançar decisivamente junto desses superiores para os chamar à realidade com uma solução estratégica de maior alcance.

Não frequentara nenhum alto curso do seu ofício, mas possuía uma tarimba como ninguém no respectivo engenho e arte. Por isso, estava consciente das suas fraquezas, identificadas pelas suas franquezas: não rodeava as questões, dava-lhes sempre o nome adequado (mesmo que ferisse susceptibilidades), evitava misturar alhos com bugalhos. Quer dizer, sentia carência de diplomacia para tratar de assuntos a níveis desligados do seu plano terra-a-terra. E isso retraía-o de ir mais longe sozinho, alimentando a esperança do Coronel de ligação conseguir transmitir a sua ideia ao nível mais alto.

A ideia era simples: esquecer mecenas (embora fossem bem-vindos, se alguma vez se interessassem pela guerra), proclamar aos amigos que a guerra não dependeria da sua ajuda voluntária nem forçada, comprar armamento actualizado pelas novas tecnologias (em substituição dos equipamentos arcaicos que ainda utilizava), contratar pessoal combatente especializado nas diversas armas da actual guerra e pagar regularmente aos mercenários que produzissem trabalho. Mas, acima de tudo, o General teria de assumir o compromisso (o "commitment" dos americanos) de integrar a companhia de guerrilha num batalhão de artilharia pesada. E realizar esse objectivo sem delongas.

O Capitão até manifestou completa

disponibilidade para ensinar às novas gerações a "arte de bem guerrear em toda a célula", que o tinha mantido activo durante tantos anos, retirando-se para um lugar honorífico, se fosse caso disso. O que ele queria era criar condições de vitória final, qualquer que fosse o laureado.

Um Coronel do triunvirato controlador ainda propôs a contratação a termo incerto de alguém que o auxiliasse, mas o velho combatente rejeitou liminarmente, alegando que só havia uma solução: integrar a companhia num batalhão consolidado, que conferisse eficácia às emboscadas e garantisse apoio na retaguarda. Deste modo, não haveria baixas e o avanço no terreno iria progredindo até à apoteóse final.

A recusa daquela ajuda não caiu bem no espírito dos Coroneis. A teimosia do velho em permanecer sozinho, enquanto não surgisse decisão superior sobre a integração, foi mal entendida pelo triunvirato local. Mas o Capitão sabia as linhas com que se cosia: se viesse alguém carregar e apontar as armas ele teria que ensinar a manobrar meios obsoletos — e isso seria duplamente angustiante, para quem aprendia (pois os jovens conhecem outras tecnologias) e para quem ensinava (que teria de perder tempo inutilmente, não sabendo se lhe restava algum para acudir a eventuais emergências).

Aconteceu mesmo que, durante a reunião onde se discutia o problema, o Capitão teve de ir fazer uns disparos para sossegar o inimigo. Ao regressar, os três Coroneis olharam-no friamente e disseram: "Hoje ficamos por aqui". Levantaram-se e partiram juntos, certamente para se reunir em segredo e congeminarem a maneira de pôr um ponto final no relatório a enviar ao Brigadeiro, que o haveria de entregar ao General: aquele Capitão precisava mesmo de ser aliviado das suas preocupações.

A situação não deixou tempo livre ao comandante da companhia isolada, porque a resposta aos ataques do inimigo não podia enfraquecer. E, nesses dias de defesa constante, o Capitão continuou a entremear as rajadas na noite escura com o sonho da compreensão dos homens ilustres pela sua nobre causa: permitir que a História glorificasse os feitos praticados no sentido do melhor progresso. **L**